

SITUAÇÃO SOCIOLINGÜÍSTICA DOS BANIWA EM MANAUS

Denize de Souza Carneiro¹
(Universidade Federal de Uberlândia)

RESUMO: Este artigo apresenta os resultados de uma pesquisa que objetivou analisar a situação sociolinguística dos Baniwa residentes em Manaus, focalizando, principalmente, o nível de bilinguismo, o valor funcional das línguas faladas pelos membros do grupo, assim como a atitude linguística dos mesmos. Os Baniwa têm como língua materna o Baniwa e vivem nas fronteiras de três países: Brasil, Venezuela e Colômbia, totalizando 15.167 pessoas. Esta pesquisa foi realizada com base na sociolinguística qualitativa, sob a teoria do *bilinguismo social* de Joshua Fishman (1964), e do *bilinguismo individual* de Christine DE Heredia (1989). Para a análise o principal procedimento foi a pesquisa de campo, essencial para localizar os membros desse grupo em Manaus e obter os dados a fim de diagnosticar a situação das línguas indígenas que compõem o repertório linguístico dos mesmos, bem como os usos e atitudes linguísticas que apresentam em relação a essas línguas.

PALAVRAS-CHAVES: Sociolinguística qualitativa; línguas indígenas urbanas; os Baniwa.

1. Introdução

O presente texto apresenta um levantamento da situação sociolinguística dos Baniwa residentes em Manaus, resultado de uma pesquisa realizada em 2003-2004; sendo que este estudo é parte integrante de um projeto² mais amplo, cuja finalidade foi aquela de caracterizar a situação sociolinguística dos indígenas que migraram de suas regiões de origem para a capital do Estado do Amazonas. A análise foi realizada partir da teoria de Joshua Fishman que trata da interação entre o uso da língua e a organização social do comportamento em um contexto plurilíngue (*bilinguismo social*) e de Christine DE Heredia que trata das habilidades linguísticas dos indivíduos bilíngues (*bilinguismo individual*).

É fato que os povos indígenas têm aumentado sua população, sua capacidade de resistência e de organização em busca da garantia de seus direitos, principalmente, direito às suas terras. Esse crescimento não tem se restringido às Terras Indígenas, também vem crescendo nos centros urbanos. A partir do censo de 1990, o crescimento estatístico da população indígena urbana passou a ser oficialmente incluído no censo geral da população do país, fator importante, pois até então os dados estatísticos restringiam-se às áreas indígenas, ocupadas oficialmente ou não. Os novos dados revelam que expressiva população indígena tem migrado de suas terras para as cidades, vivendo isoladamente ou em comunidades, geralmente em áreas periféricas.

Porém, no espaço urbano, dificilmente conseguem manter sua cultura e, principalmente, sua língua (quando ainda é falada), pois a “necessidade de se integrar” à vida da cidade e de garantir melhores condições de vida para seus filhos tem levado a uma atitude de abandono da própria língua. Apesar disso, em Manaus, diversos grupos indígenas vêm se organizando para serem reconhecidos como indígenas e reivindicarem seus direitos, mesmo não vivendo nas áreas consideradas indígenas, por esta razão tem crescido o interesse desses grupos em manter as suas línguas.

¹ Mestranda em Linguística no ILEEL, Universidade Federal de Uberlândia (UFU) e bolsista da Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado do Amazonas (FAPEAM).

² Projeto coordenado pela Professora Dr^a Dulce do Carmo Franceschini.

A língua, por ser um dos elementos formadores de identidade cultural, é fundamental para a manutenção da cultura e da garantia dos direitos desses povos. Como a tentativa de manutenção da língua por esses grupos acontece no espaço urbano, onde predomina a língua Portuguesa, uma pesquisa sociolinguística além de diagnosticar a situação do grupo indígena como um todo (língua, aspectos culturais, situação socioeconômica, escolaridade e outras), pode colaborar com eles (indígenas) na definição de uma política linguística que favoreça a sua língua no contexto urbano.

Portanto, para a realização desta pesquisa o principal procedimento utilizado foi a pesquisa de campo, essencial para contatar os membros do grupo Baniwa que migraram para Manaus e obter os dados a fim de realizar a análise sociolinguística, pois apesar da presença indígena nesta cidade apresentar um número considerável de pessoas, não existe nenhum levantamento que dê conta da localização e da população desses grupos em Manaus.

2. O povo Baniwa

Os Baniwa totalizaram 15.167 indígenas (na época da pesquisa). Este povo vive nas fronteiras de três países: Brasil, Venezuela e Colômbia. Os Baniwa do Brasil somaram aproximadamente 5.141 pessoas. Ocupam toda bacia do rio Içana e seus afluentes Aiari, Cuiary e Cubaté. Também estão presentes no Alto e Médio rio Negro, Baixo Xié e Uaupés, nas cidades de São Gabriel da Cachoeira, Santa Izabel do Rio Negro e Barcelos (ver mapa - anexo 1). Na Venezuela, os Baniwa vivem ao longo do rio Guainía e seus afluentes e sua população foi estimada em 3.236 pessoas. Na Colômbia, vivem ao longo do rio Inírida, sendo que, sua população somou 6.790 pessoas.

Os Baniwa do Brasil vivem em 110 localidades, distribuídas em 68 comunidades e 42 sítios, que estão situados ao longo dos rios: Aiari; Alto e Baixo Içana; Alto, Médio e Baixo rio Negro; e rio Xié. Pode-se observar que a maior concentração de Baniwa encontra-se nos rios Aiari e Baixo Içana, sendo que também é nestes rios que se encontra um maior número de localidades em que habitam apenas Baniwa. A população nessas comunidades varia de 17 a 196 pessoas, e nos sítios de 06 a 45 pessoas, conforme mostra a tabela abaixo:

Comunidade e sítios Baniwa ³ na região do Alto Rio Negro - Amazonas					
Nº	RIOS	ETNIA	COMUNIDADES	SÍTIO	LOCALIDADES
1	Aiari	BW	18	11	29
2	Alto Içana	BW	07	-	07
3	Baixo Içana	BW	19	10	29
4	Alto rio Negro	BW	01	02	03
5	Médio rio Negro	BW	04	10	14
BANIWA (e outros)					
Nº	RIOS	ETNIA	COMUNIDADES	SÍTIO	LOCALIDADES
1	Alto Içana	BW/KB	01	-	01
2	Baixo Içana	BW/KB/WK/TA/BA	04	02	06
3	Alto rio Negro	BW/BA	02	-	02
4	Médio rio Negro	BW/BA/TK/TA/SI/DE/PI/AR	08	05	13
5	Baixo rio Negro	BW/BA/AR/TK	01	-	01
6	Rio Xié	BW/BA/WK	03	02	05
TOTAL			68	42	110

Fonte: ISA / FOIRN, 1996.

Das 110 localidades Baniwa, 82 são constituídas apenas por Baniwa. Nas demais, os Baniwa convivem com outros grupos Arawak e Tukano.

³ Legenda: BW= Baniwa, BA= Baré, TA= Tariano, TK= Tukano, DE= Dessana, PI= Piratapuia, AR= Arapaso, SI= Siriano e WK= Warekena.

Observou-se que os Baniwa convivem principalmente com os Baré, os Tariano e os Warekena. Observou-se também que ainda vivem, na sua maioria, na bacia do rio Içana, região tradicional desse povo e sua população concentra-se mais em comunidades, do que em sítios.

Na região do Alto rio Negro, embora vivam povos de grupos étnicos diferentes, muitos deles apresentam aspectos culturais comuns (mitos, atividades de subsistência, arquitetura tradicional e cultura material) que podem ser observados com mais evidência entre os Baniwa, Baré, Tariano e Tukano. Provavelmente são esses aspectos culturais comuns que podem explicar o fato de estarem agrupados em muitas localidades.

Além de conviver com outros grupos indígenas, os Baniwa também convivem com não indígenas em três localidades: Cucuí (Alto rio Negro), Livramento e São Gabriel da Cachoeira (Médio rio Negro). É no Médio rio Negro que está a maior concentração de grupos étnicos diferentes, convivendo em muitas comunidades e sítios, de modo especial em São Gabriel da Cachoeira. Este Município se destaca por sua posição estratégica e funciona como um ponto de convergência para os povos das diferentes etnias.

3. A língua Baniwa

A língua Baniwa pertence à família linguística Arawak. As línguas desta família estão dispersas numa área geográfica que se estende desde as Bahamas ao norte, até o Paraguai ao sul. Da foz do rio Amazonas, a leste, até os Andes, a oeste. Henri Ramirez (2001) reagrupa as línguas desta família em dez divisões principais, conforme as posições geográficas e classifica-as em subfamília Ocidental e subfamília Oriental. Na subfamília Ocidental encontram-se 21 línguas vivas e 18 mortas, distribuídas em 08 divisões. Na subfamília Oriental encontram-se 04 línguas vivas distribuídas em 02 divisões (Anexo 2).

A maior parte destas divisões de línguas encontra-se na Amazônia Setentrional, área delimitada pelo Amazonas ao sul, pelos Andes ao oeste, pelos rios Orinoco e Meta ao norte e pelos rios Branco e Essequibo ao leste. Nesta área estão localizadas 28 das 43 línguas Arawak. Destas 28 línguas, apenas 12 ainda são faladas (Anexo 3).

Conforme esta classificação, o Baniwa é um dialeto⁴ que pertence à divisão Japurá-Colômbia da subfamília Ocidental, ao lado do Curripaco. Estes dialetos são denominados por Ramirez de dialeto Central e Meridional (o Baniwa do Brasil e o Baniwa da Venezuela) e de dialeto Setentrional (o Curripaco) e constituem a língua chamada Baniwa-Curripaco por este mesmo autor.

O dialeto Central é falado principalmente no rio Içana (acima da missão Assunção até Matapi) e seus afluentes (rios Aiari e Cuiari). O Meridional é falado em Victorino, no rio Guainia, na Venezuela. Este dialeto era falado originalmente no Baixo Içana, mas foi substituído pelo Nheengatu ou “Língua Geral” e pelo Português. Somente o grupo que migrou para a Venezuela e instalou-se em Victorino permanece falando o dialeto Meridional. O dialeto Setentrional é falado pelo povo Curripaco no Alto rio Içana (Brasil), no rio Guainia (Venezuela) e nas cabeceiras do rio Cuiari (Colômbia).

No Brasil o Baniwa é falado principalmente nas localidades situadas às margens dos rios Aiari e Alto Içana. A partir do Baixo Içana observa-se um processo de perda linguística. Em apenas 55% das localidades Baniwa do Baixo Içana fala-se o Baniwa, nas demais fala-se Nheengatu. No Alto rio Negro a perda é de 80% e no Médio rio Negro é de 78,26%. No Baixo rio Negro e no rio Xié, onde se encontram apenas 05 comunidades Baniwa, a perda da língua materna é de 100%, pois a língua Baniwa não é falada em nenhuma das localidades desse rio.

Vale destacar que em São Gabriel da Cachoeira, a língua Baniwa, assim como o

⁴ Dialeto são variedades lingüísticas que apresentam mais de 81% de palavras cognatas (RAMIREZ, 2001).

Nheengatu e o Tukano foram oficializadas ao lado do Português.

4. Os Baniwa em Manaus

Apresentaremos neste tópico a análise da situação sociolinguística dos Baniwa residentes no município de Manaus. Entretanto, apresentaremos também alguns dados que ajudarão a compreender a situação sociolinguística deste grupo, como localização e população, o processo migratório, a constituição familiar e o tempo de residência em Manaus.

4.1 Localização e população

Manaus possui quase dois milhões de habitantes, fator que dificulta o acesso aos indígenas, por essa razão, para realizar a pesquisa de campo e localizar os Baniwa nesta cidade contamos com algumas indicações de residência presentes em cadastros (relacionado à saúde) da Fundação Osvaldo Cruz (FIOCRUZ). Num período de quase dois anos de pesquisa, foram localizadas diversas pessoas do grupo Baniwa, vivendo em diferentes bairros, quase todos em área de periferia. Estas pessoas foram agrupadas em 07 famílias extensas e somaram uma população de 168 pessoas, incluído indígenas de outros grupos e não indígenas que casaram com membros das famílias Baniwa, conforme mostra o quadro abaixo:

População dos Baniwa em Manaus

FAMÍLIA EXTENSA	LOCAIS DE RESIDÊNCIA	Nº DE BANIWA	OUTRAS ETNIAS	NÃO-INDIGENA	TOTAL DE PESSOAS
I	Tarumã	68	03	12	83
II	Terra Preta	13	01	01	15
III	Compensa II	25	-	01	26
IV	Rodovia AM 010	05	01	-	06
V	Parque Dez	18	06	-	24
VI	Presidente Vargas	04	-	01	05
VII	N.S. das Graças	07	01	01	09
TOTAL		140	12	16	168

Fonte: CARNEIRO, Denize & PEIXOTO, Virgínia, 2004.

A família 01 é a que mais apresenta casamentos com não indígenas e a família 5 é a que mais apresenta casamentos com outros grupos indígenas.

4.2 O processo migratório

A migração das famílias Baniwa localizadas em Manaus se realizou de forma mais continua a partir de 1970 até os dias de hoje, tendo se intensificado na década de 80. Esta migração ocorreu para quase todas as famílias de forma indireta, pois antes de residir em Manaus muitas delas viveram em outros lugares, sobretudo da região do Alto rio Negro. O principal motivo dessa migração se deu por fatores sócio-econômicos, mas também por outras razões como a união (ou reunião) de algumas famílias e maior possibilidade de estudo.

Os Baniwa entrevistados são originários da Bacia do rio Içana e do curso Baixo do rio Negro. Três das famílias Baniwa que migraram eram originárias das comunidades de Tucumã Rupitá, Tunuí Cachoeira e Nazaré (rio Içana) e quatro eram naturais dos sítios Aquariquara, Irapiti, Ingaiwa e Iahã (rio Negro).

4.3 Situação sócio-econômica e escolaridade

A situação sócio-econômica das famílias Baniwa é razoável⁵. Quase todas adquirem sua renda através de ocupações informais, as mulheres a maioria se ocupa de trabalho doméstico e os homens principalmente, de trabalhos braçais e rurais (ajudante de pedreiro,

⁵ Quando comparada a outros grupos indígenas que se encontram em situações mais precárias.

carpinteiro, peixeiro). Dentre essas pessoas, apenas seis trabalham com carteira assinada. Entretanto, quase todas as famílias possuem casa própria com saneamento básico (luz e água) e somente duas famílias vivem em casa alugada e uma mora em casa de amigo.

O nível de escolaridade dos membros da maioria das famílias não é elevado, pois apenas cinco já concluíram o Ensino Médio. Em duas famílias, no entanto, quatro estavam no nível superior: na primeira família, três pessoas cursavam Informática, Sociologia e Direito, em faculdades particulares, por terem melhores condições sócio-econômicas em função de cargos políticos; na segunda, uma pessoa cursava História na Universidade Federal do Amazonas.

4.4 Situação sociolinguística do Baniwa em Manaus

Apresentaremos, a seguir, a análise da situação sociolinguística dos Baniwa que constituem as sete famílias (extensas) localizadas, como também a constituição de cada família por geração, levando-se em consideração também as gerações que não vivem em Manaus, a fim de compreendermos melhor o processo de perda linguística quando este ocorreu em gerações passadas.

Nesta pesquisa observou-se o valor funcional das línguas indígenas faladas pelos membros do grupo pesquisado e o nível de bilinguismo (ou monolinguismo) de seus membros, tomando por base as teorias de Joshua Fishman (1964) e de Christine DE Heredia (1989). Fishman analisa o bilinguismo social levando em conta os aspectos sociais que influenciam o uso das línguas numa dada comunidade de fala; já Christine DE Heredia, interessa-se pelo bilinguismo individual, isto é, busca descrever as habilidades linguísticas dos falantes. Sendo assim, para a análise sociolinguística dessas famílias nos basearemos na classificação desses dois teóricos.

Quanto ao bilinguismo social, Fishman caracterizou dois tipos de comunidade bilíngue: o *bilinguismo estável* e o *instável*. Uma *comunidade bilíngue estável* apresentará uma situação, na qual as variedades linguísticas que compõem o repertório linguístico dos falantes estarão sendo mantidas sistematicamente e funcionalmente, sem que uma ultrapasse os domínios da outra, mantendo-se distintas e usadas de acordo com os seus domínios sociais (Ex.: domínio do lar; domínio da igreja; domínio da escola, etc.). Já uma *comunidade bilíngue instável* apresentará uma situação, na qual o uso das variedades não estarão bem definidos e haverá flutuação entre os domínios antes estabelecidos para cada uma das variedades; neste caso uma das variedades encontra-se no processo de perda do seu valor funcional, deixando de ser usada em domínios sociais que antes lhe pertenciam e perdendo espaço na comunidade. Esse tipo de bilinguismo tem maiores probabilidades de levar uma comunidade bilíngue ao monolinguismo.

No que concerne ao bilinguismo individual DE Heredia, classifica-o em: *bilinguismo ativo* e *bilinguismo passivo*. Numa situação de *bilinguismo ativo* os indivíduos de dada comunidade linguística compreendem e falam pelo menos duas línguas de seu repertório linguístico. Já numa situação de bilinguismo passivo, os indivíduos compreendem as línguas de seu repertório, porém falam apenas uma, isso pode ocorrer em razão do indivíduo não saber falar ou por se negar a falar. Essa negação ou recusa é um fato comum entre os indígenas, pois devido à supervalorização da língua majoritária e de prestígio, recusam-se a falar a sua língua de origem, considerada inferior.

A partir do exposto, apresentamos a seguir a análise sociolinguística dos Baniwa localizados no município de Manaus.

4.4.1 Famílias originárias do rio Içana, região tradicional dos Baniwa:

Família 01:

Constituição familiar e tempo de residência em Manaus: essa família é originária do Alto rio Içana e migrou para Terra Preta, comunidade pertencente ao município de Manaus há 18 anos. É constituída por 15 pessoas, sendo: 13 Baniwa; 01 Baré e 01 não-indígena.

Repertório linguístico e nível de bilinguismo: a língua Baniwa é falada por quase todos os membros desta família e a maioria apresenta plurilinguismo em Baniwa, Nheengatu e Português, conforme mostra o quadro abaixo:

Nível de bilinguismo família Baniwa 01				
Geração	Plurilíngue ativo em: Baniwa, Nheengatu e Português	Plurilíngue ativo em Baniwa, Nheengatu e passivo em Português.	Bilíngue passivo em Baniwa e ativo em Nheengatu e Português	Monolíngue em Português
1 ^a	01	01	-	-
2 ^a	07	-	-	-
3 ^a	-	-	02	02

Fonte: CARNEIRO, Denize & PEIXOTO, Virgínia, 2004.

Valor funcional do Baniwa: pode-se dizer que o Baniwa é a principal língua utilizada no domínio do lar pela primeira e segunda geração, pois seus membros se comunicam quase que exclusivamente nesta língua. Fora do lar, esta língua é usada apenas quando se encontram com Baniwa que também a falam e, na igreja, para alguns cantos. Na comunidade de Terra Preta, o Baniwa não tem quase nenhuma funcionalidade, uma vez que a maioria dos comunitários é Baré e as línguas utilizadas pelos mesmos são o Nheengatu e o Português.

Atitude linguística com relação ao Baniwa: com relação à atitude linguística, todos os membros entrevistados manifestaram uma atitude de valorização de sua língua e cultura dizendo que nunca deixariam de falar o Baniwa, no entanto, pode-se observar, mesmo assim, que não estão transmitindo sua língua aos filhos, pois o processo da perda linguística é evidente na terceira geração, que dos quatro membros, dois apresentam um bilinguismo passivo em Baniwa e os outros já são monolíngues em Português.

Família 02:

Constituição familiar e tempo de residência em Manaus: esta família é constituída por 26 pessoas, sendo: 25 Baniwa e 01 não-indígena. Estas pessoas residem aproximadamente três anos em Manaus.

Repertório linguístico e nível de bilinguismo: a língua Baniwa nesta família é falada por todos os membros de todas as gerações; além disso, é a família que possui o maior repertório linguístico em língua indígena e não apresenta nenhum caso de monolingüismo em Baniwa, conforme mostra o quadro abaixo:

Nível de bilinguismo família Baniwa 02			
Geração	Plurilíngue ativo em: Baniwa, Nheengatu e Português	Plurilíngue ativo em: Baniwa, Nheengatu, Tukano, Curripaco, Português, Espanhol e passivo em Cubeo.	Bilíngue Ativo em Baniwa e Português.
1 ^a	02	-	-
2 ^a	05	03	-
3 ^a	-	-	15

Fonte: CARNEIRO, Denize & PEIXOTO, Virgínia, 2004.

Valor funcional do Baniwa: a língua Baniwa nesta família é ainda a mais utilizada no domínio do lar, pois todos os membros, inclusive as crianças, a usam para se comunicar entre si e também quando encontram indígenas que falam essa língua. Pode-se dizer que nesta família o domínio do lar é quase que exclusivamente o domínio da língua do grupo, o Baniwa, o que contribui para sua manutenção.

Atitude linguística com relação ao Baniwa: observou-se nos membros desta família a ocorrência de um forte sentimento de valorização da língua e da cultura Baniwa, pois todos os membros dizem que não deixarão de falar a língua de origem e utilizam-na em todas as situações no lar. Fora do lar, a língua Baniwa é usada apenas por uma pessoa, que a usa no domínio do trabalho pelo fato de exercer um cargo político numa instituição indígena e necessita falar com seus “parentes”.

Família 03:

Constituição familiar e tempo de residência em Manaus: essa família é originária do Alto rio Içana e migrou para Manaus há 10 anos. Esta família é constituída por 06 pessoas, sendo: 05 Baniwa; 01 Sateré-Mawé.

Repertório linguístico e nível de bilinguismo: a língua Baniwa é falada por uma pessoa, uma senhora, mãe de quatro filhos, conforme o quadro abaixo:

Nível de bilinguismo família Baniwa 03		
Geração	Bílingue Ativo em Baniwa, Nheengatu e Português.	Monolíngue em Português
1 ^a	01(mãe)	-
2 ^a	-	04 (filhos)

Fonte: CARNEIRO, Denize & PEIXOTO, Virgínia, 2004.

Valor funcional do Baniwa: a língua Baniwa nesta família, não exerce nenhuma função no domínio do lar. No entanto, é utilizada no domínio do trabalho pela mãe, única falante do Baniwa nessa família, pois a mesma acompanha os pacientes indígenas que chegam da área indígena em consultas médicas, exercendo o cargo de tradutora (do Baniwa). Além disso, ela usa o Baniwa quando fala com os parentes que moram na área indígena por telefone. O Português, já é a única língua do domínio do lar nesta família, uma vez que, é a única conhecida por todos seus membros.

Atitude linguística com relação ao Baniwa: a atitude não corresponde ao comportamento linguístico, pois a informante diz achar importante preservar a língua nativa e sua cultura, mas a mesma não repassou a língua materna para seus filhos, já monolíngues em Português.

4.4.2 Famílias originárias do rio Negro:

Família 04:

Constituição familiar e tempo de residência em Manaus: essa família é originária do Baixo rio Negro e migrou para Manaus há 24 anos. É constituída por 24 pessoas, sendo: 18 Baniwa; 01 Sateré-Mawé, 01 Tukano e 04 Não-Indígena.

Repertório linguístico e nível de bilinguismo (ou monolingüismo): a língua Baniwa não chegou ser falada por nenhuma pessoa dessa família. O único membro da primeira geração teve como primeira língua o Nheengatu, pois quando nasceu já morava no Baixo rio Negro, local onde o Nheengatu era predominante. A seguir a situação lingüística dos membros desta família:

Nível de bilinguismo família Baniwa 04		
Geração	Bílingue Ativo em Nheengatu e Português.	Monolíngue em Português
1ª	01	-
2ª	-	06
3ª	-	11

Fonte: CARNEIRO, Denize & PEIXOTO, Virgínia, 2004.

Valor funcional do Nheengatu: o Nheengatu é usado quando o único falante ativo da família visita sua mãe que mora num sítio (município de Manaus) e que prefere falar nesta língua.

Atitude linguística com relação ao Nheengatu: quanto a este aspecto, o único membro da primeira geração (falante ativo do Nheengatu) parece não atribuir muito valor à língua indígena. Apesar de achar interessante a língua e a cultura dos ancestrais, diz não ter preferência entre o Nheengatu e o Português. O fato de não ter repassado o Nheengatu aos seus filhos, demonstra também esta atitude de indiferença com relação às línguas de seu repertório linguístico e, talvez, uma preferência pelo Português, pois esta foi a primeira língua de todos os filhos.

Família 05:

Constituição familiar: essa família reside a 30 anos em Manaus e é constituída de 83 pessoas, sendo: 68 Baniwa (14 vivem na Área Indígena), 12 não-indígenas e 03 de outras etnias. Do total de 15 casamentos existentes nesta família extensa, 12 são com cônjuges não-indígenas, ou seja, 12 mulheres Baniwa que formaram famílias com “brancos”, no entanto, a pesar de a tradição considerar a patrilinearidade para a identidade dos filhos, neste caso as mães consideram seus filhos como sendo do seu grupo (Baniwa).

Repertório linguístico e nível de bilinguismo (ou monolingüismo): a língua Baniwa chegou a ser falada nesta família, apenas pelos membros da primeira geração que viviam no Alto rio Negro, mas estes não a transmitiram para seus filhos, pois faleceram quando estes ainda eram bem jovens. Nesta época a família já residia no Baixo rio Negro, região de predominância do Nheengatu, sendo assim, as gerações seguintes terá o Nheengatu como primeira língua.

A seguir apresentamos o nível de bilinguismo dos membros desta família que vivem em Manaus, isto é, 55 pessoas, sem somar com a primeira geração já falecida e aqueles que moram na Área Indígena.

Geração	Nível de bilinguismo família Baniwa 05			
	Bílingue ativo em Baniwa e Nheengatu	Bílingue ativo em Nheengatu e Português	Bílingue passivo em Nheengatu e ativo em Português	Monolíngue em Português
1ª	(02 BW já falecidos)	-	-	-
2ª	-	01BW	-	01 BW
3ª	-	05 BW	-	-
4ª	-	02BW	01BW	29BW
5ª	-	-	-	16BW

Fonte: CARNEIRO, Denize & PEIXOTO, Virgínia, 2004.

Valor funcional do Nheengatu: pôde-se observar que esta família apresenta uma situação de bilinguismo instável, pois o Nheengatu foi perdendo suas funções e já não tem quase nenhuma utilidade no domínio do lar. Essa língua é usada apenas com uma pessoa da segunda geração, um senhor de 99 anos, que só se comunica em Nheengatu. Alguns membros da terceira e quarta geração também o utilizam (palavras, frases curtas), mas apenas em situações descontraídas (brincadeiras) ou quando a intenção é não ser entendido por quem não

entende essa língua. Para os membros da quinta geração e para alguns da quarta, o Nheengatu não exerce nenhuma função, pois os mesmos são monolíngues em Português.

Atitude linguística com relação ao Nheengatu: no que se referem à atitude linguística os membros entrevistados disseram que têm que valorizar o Nheengatu, mas observou-se que a maioria tem “vergonha” de falar mesmo sendo em casa e poucos demonstraram um interesse quanto a essa questão. Dentre estes, somente o Senhor idoso demonstrou um forte sentimento de valorização desta língua, já os jovens não demonstraram nenhum interesse.

Família 06:

Constituição familiar: essa família é originária do Baixo rio Negro e reside a 02 anos em Manaus. É constituída apenas por 05 pessoas, sendo: 04 Baniwa e 01 não-indígena.

Repertório linguístico e nível de bilinguismo (ou monolinguismo): a língua Baniwa nesta família também não chegou ser falada por nenhuma pessoa, o Nheengatu foi a primeira língua de quase todos os membros, conforme mostra o quadro abaixo:

Nível de bilinguismo família Baniwa 06			
Geração	Bilíngue Ativo em Nheengatu e Português.	Bilíngue passivo em Nheengatu e ativo em Português.	Monolíngue em Português
1ª	01	-	-
2ª	-	02	-
3ª	-	-	01

Fonte: CARNEIRO, Denize & PEIXOTO, Virgínia, 2004.

Valor funcional do Nheengatu: o Nheengatu não exerce nenhuma função social.

Atitude linguística com relação ao Nheengatu: quanto a este aspecto o responsável da família, manifestou um forte sentimento de revolta por não ter aprendido o Baniwa e por tantas línguas e culturas indígenas que já se perderam. O mesmo argumenta que deseja aprender o Baniwa e outras línguas indígenas, porém se sente obrigado a morar em Manaus pelo seu trabalho (em uma Instituição Indígena) e para estudar, ficando impossibilitado no momento de viver na área indígena para tentar recuperar sua língua.

Família 07:

Constituição familiar: essa família é originária do Baixo rio Negro; é constituída por 09 pessoas, sendo: 07 Baniwa, 01 Wanana e 01 não-indígena.

Repertório linguístico e nível de bilinguismo e monolinguismo: a língua Baniwa nesta família ocorre como na família anterior, não chegou ser falada por nenhuma pessoa, o Nheengatu foi a primeira língua para os membros da primeira e segunda geração, conforme quadro abaixo:

Nível de bilinguismo família Baniwa 07			
Geração	Bilíngue Ativo em Nheengatu e Português.	Bilíngue passivo em Nheengatu e ativo em Português.	Monolíngue em Português
1ª	01	-	-
2ª	-	02	-
3ª	-	-	04

Fonte: CARNEIRO, Denize & PEIXOTO, Virgínia, 2004.

Valor funcional do Nheengatu: o Nheengatu não exerce mais nenhuma função social.

Atitude linguística com relação ao Nheengatu: o entrevistado que falou por sua família apresentou um forte sentimento de valorização da língua e cultura indígenas e também um

pouco de revolta por se sentir “obrigado” sócio-culturalmente a utilizar o português; “Falando o Português não me sinto eu mesmo”, afirmou; no entanto, o mesmo não está repassando o Nheengatu para seus filhos, já monolíngues em Português.

5. Considerações finais

Este artigo apresentou o resultado de uma pesquisa que permitiu caracterizar a situação sociolinguística dos Baniwa residentes em Manaus, analisando o nível de bilinguismo ou o monolinguismo (bilinguismo individual) dos membros desse grupo e o valor funcional (bilinguismo social) das línguas que compõem o repertório linguístico dos mesmos.

Foram localizadas no município de Manaus, 140 pessoas do grupo Baniwa, as quais foram agrupadas em 07 famílias extensas e vivem em diferentes bairros de Manaus. Pôde-se assim, a partir de diálogos com 11 chefes de famílias Baniwa, sob a orientação teórica e metodológica da Sociolinguística qualitativa, diagnosticar a seguinte situação:

- Os membros das famílias Baniwa que apresentam situações de pluri- ou de bilinguismo nas línguas indígenas de seu repertório linguístico, são aqueles das gerações geralmente nascidas na Área Indígena (os adultos);
- Os membros que já substituíram ou estão substituindo a língua indígena (Baniwa ou Nheengatu) pelo português são das gerações nascidas em Manaus, geralmente crianças e jovens;
- Nas 03 famílias originárias do rio Içana, a língua Baniwa, ainda é falada, conforme já exposto (Famílias: 1, 2 e 3). Na primeira e segunda família, o Baniwa é a principal língua do domínio do lar. Quanto à terceira (Fam. 3), o Baniwa é falado apenas por uma pessoa no domínio do trabalho;
- Nas 05 famílias originárias do rio Negro o Baniwa foi substituído pelo Nheengatu ainda na área indígena.

Quanto ao *Plurilinguismo social - Valor Funcional das línguas Indígenas* (cf. Fishman), constatou-se que as línguas indígenas do repertório linguístico dos Baniwa não possuem quase nenhum valor funcional nas famílias pesquisadas. No que concerne à língua **Baniwa**, é mais utilizada no domínio do lar, apenas em duas famílias (Famílias 1 e 2), pois seus membros se comunicam quase que exclusivamente nesta língua. Fora do lar verificou-se que um membro de uma dessas famílias usa o Baniwa no domínio do trabalho, pois exerce um cargo político. Além deste, também um membro da família 3, usa esporadicamente o Baniwa por ser interprete num hospital público. Essa funcionalidade da língua Baniwa deve-se talvez na Família 1 por seus membros não morarem na zona urbana de Manaus. Já na família 2 acredita-se que a funcionalidade e manutenção do Baniwa deve-se ao pouco tempo de residência em Manaus. Quanto ao **Nheengatu** nas famílias Baniwa, onde a língua materna foi substituída pelo Nheengatu ainda na Área Indígena, o português impera no lar e nos outros domínios.

No que diz respeito à *Atitude linguística dos Baniwa em relação às línguas Indígenas*, observou-se uma atitude de valorização da língua Baniwa nas duas famílias que usam o Baniwa no domínio do lar (Famílias 1 e 2). Na família 02 os pais só se comunicam com as crianças em Baniwa (crianças bilíngues em Baniwa e Português). Na outra (família 1) podemos dizer que a principal responsável pela valorização da língua Baniwa é da matriarca da família, senhora que migrou a 18 anos do seu lugar de origem e nesse tempo somente utilizou para se comunicar o Baniwa e o Nheengatu. É a única pessoa que encontramos, bilíngue passivo em Português; dessa forma todos os filhos são bilíngues ativos em Baniwa e Nheengatu. Nas demais famílias, a pesar da maioria dos entrevistados dizerem que gostariam que seus filhos aprendessem suas línguas, seu comportamento linguístico não corresponde com o que falam, pois quase não utilizam suas línguas para se comunicar com seus filhos.

Podemos dizer que para as línguas indígenas terem a chance de serem revitalizadas nessas famílias, entendemos que se faz necessário uma mudança de atitude e de comportamento com relação as suas línguas. Somente assim estas poderão se manter vivas no contexto urbano, pois a não transmissão da língua Baniwa ou do Nheengatu aos filhos já denota um comportamento de não valorização destas, pois é sabido o peso que tem as atitudes dos locutores em relação a sua língua, conforme enfatiza DE Heredia (1989, p.178) a seguir:

De fato, a fidelidade linguística (*language loyalty*), isto é, a ligação que os locutores emigrados mantêm com sua língua e que se manifesta pelo uso que fazem dela entre familiares e amigos e por sua transmissão às crianças está evidentemente relacionada com as atitudes que eles desenvolvem em relação aos dois países representados simbolicamente por sua língua.

6. Referências

- CABALZAR, Aloisio & RICARDO, Carlos Alberto (editores). **Povos Indígenas do alto e médio rio Negro: uma introdução à diversidade cultural e ambiental do noroeste da Amazônia brasileira**. São Paulo: ISA; São Gabriel da Cachoeira, Am: FOIRN, 1998.
- CARNEIRO, Denize & PEIXOTO, Virgínia. **Situação sociolingüística dos munduruku, baniwa e baré residentes em Manaus**. Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Manaus: 2004. (Relatório de PIBIC não publicado, Acervo Biblioteca da UFAM).
- DE HEREDIA, Christine. Do bilinguismo ao falar bilíngue. In: VERMES, G. e J. Boutet (orgs.). **Multilinguismo**. Campinas: UNICAMP, 1989. p.117-219.
- FISHMAN, Joshua. Language maintenance and language shift as fields of inquiry. In: **Linguistics**, 9, p.32-70, 1964.
- _____. **Sociolinguistique**. Bruxelles/Paris, Labor/Nathan, 1971.
- INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL. FEDERAÇÃO DAS ORGANIZAÇÕES INDÍGENAS DO RIO NEGRO. **Comunidades Indígenas do Alto e Médio rio Negro**. Versão preliminar. São Gabriel da Cachoeira, Amazonas, 1996.
- RAMIREZ, Henri. **Línguas Arawak da Amazônia Setentrional: Comparação e Descrição**. Manaus: EDUA, 2001.

[illegible]

Fonte: Cabalzar & Ricardo, 1998.

Anexo 2

CLASSIFICAÇÃO DA FAMÍLIA ARAWAK

SUBFAMÍLIA OCIDENTAL (21 línguas vivas e 18 mortas)	SUBFAMÍLIA ORIENTAL (04 línguas vivas)
1. Divisão Japurá Colômbia <ul style="list-style-type: none"> • Piapoco, Achagua (vivas) • Baniwa-Curipaco-Tariano (viva) • Warekena (viva), Mandawaka (morta) • Kabiari (viva) • Yukuna (viva), Wainuma-Mariate (morta) • Kauixana (morta) • Resigaro (viva) 	09. Divisão Amapá <ul style="list-style-type: none"> • Palikur-Marawan (viva)
2. Divisão Alto Rio Negro <ul style="list-style-type: none"> • Baré, Guinau, Anaúyá-Yabahana (mortas) 	10. Divisão Xingu-Tapajós <ul style="list-style-type: none"> • Wauará-Mehinaku, Yawalapiti (vivas) • Pareci-Saraveka (viva)
3. Divisão alto Orinoco <ul style="list-style-type: none"> • Baniwa de Maroa (viva), Yavitero-Pareni (morta) • Maipure (morta) 	
4. Divisão Negro-Roraima <ul style="list-style-type: none"> • Aruã (morta) • Manao, Wirina, Bahuana, Cariari (mortas) • Wapixana-Atorai (vivas) • Mawayana (morta) 	
5. Divisão Juruá-Jutaí <ul style="list-style-type: none"> • Marawa (morta) • Waraiku (morta) 	
6. Divisão Purus-Ucayali <ul style="list-style-type: none"> • Apurinã, Piro-Kuniba-Canamari-Mantineri (vivas) • Kampa (viva) 	
7. Divisão Bolívia-Matogrosso <ul style="list-style-type: none"> • Bauré, Mojo (vivas) • Terena-Kinikinao (viva) 	
8. Divisão Caribe- Venezuela <ul style="list-style-type: none"> • Lokono, Island Carib-Garifuna (vivas), Taino, Caquetio (mortas) • Guahiro, Parauhano (vivas) 	

Fonte: Ramirez, 2001.

Anexo 3

POVOS ARAWAK DA AMAZÔNIA SETENTRIONAL

	Denominação	Número de falantes
01	Wapixana	12.000
02	Baniwa do Içana, Curripaco	11.000
03	Piapoco	6.000
04	Lokono	2.500
05	Yukuna, guaru	1.500
06	Axagua	300
07	Warikkena	200
08	Baniva de maroa	140
09	Tariano	100
10	Kabiyari	50
11	Resiguro	14 (?)
12	Baré	06
13	Mawayana	0
14	Mandawaka	0
15	Wainuma	0
16	Kauixana	0
17	Yumana	0
18	Passe	0
19	Guinau	0
20	Yibahana	0
21	Anauyá	0
22	Maipure	0
23	Yavitero	0
24	Manao	0
25	Cariai	0
26	Wirina	0
27	Bahuana, xiriana	0
28	Marawa	0
29	Waraiku	0
Total de Falantes		33.810

Fonte: Ramirez, 2001.